

SENTIDOS ATRIBUÍDOS À ATIVIDADE EMPREENDEDORA POR MULHERES NA ÁREA RURAL: O EU, OS MEUS E O TEMPO¹

MEANINGS ATTRIBUTED TO ENTREPRENEURIAL ACTIVITY BY RURAL WOMEN: THE I, THE OTHERS AND THE TIME

Recebido em 28.08.2021 Aprovado em 17.05.2021

Avaliado pelo sistema *double blind review*

DOI: <https://doi.org/10.32888/cge.v9i1.49804>

Fabiola Weinhardt Jazar

fabiolawj@ig.com.br

Programa de Pós-Graduação em Administração/Universidade Federal do Paraná – Curitiba/Paraná, Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-0845-590X>

Jane Mendes Ferreira Fernandes

janemff@yahoo.com.br

Programa de Pós-Graduação em Gestão de Organizações, Liderança e Decisão/Universidade Federal do Paraná – Curitiba/Paraná, Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-6156-4342>

Fernando Antonio Prado Gimenez

fapgimenez@gmail.com

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas/Universidade Federal do Paraná – Curitiba/Paraná, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-5143-9553>

Resumo

Poucos estudos investigam como o empreendedorismo afeta a subjetividade dos que empreendem, especialmente das mulheres no meio rural, tradicionalmente ligado ao universo masculino. O objetivo deste artigo é verificar como se constitui a subjetividade da mulher empreendedora do meio rural. Com abordagem qualitativa, a técnica de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada e a análise dos dados se deu por meio dos núcleos de significação. Os resultados apontaram que a experiência empreendedora resulta em uma configuração particular de empreendimento-família, tempo e autopercepção com sentido totalmente peculiar a cada sujeito, sua história de vida e meio em que empreende.

Palavras-chave: Subjetividade. Empreendedorismo feminino. Empreendedorismo rural.

Abstract

Few studies have investigated how entrepreneurship affects the subjectivity of entrepreneurs, especially women in rural areas, traditionally linked to the male universe. The objective of this article is to verify how the subjectivity of the entrepreneurial woman in the rural environment is constituted. With a qualitative approach, the data collection technique was the semi-structured interview, and data analysis took place through the meaning cores. The results showed that the entrepreneurial experience results in a particular configuration of family-enterprise, time and self-perception with a meaning totally peculiar to each subject, her life story and the environment in which she undertakes.

Keywords: Subjectivity. Female entrepreneurship. Rural entrepreneurship.

Introdução

Os estudos recentes sobre empreendedorismo têm confirmado a relevância deste fenômeno para o desenvolvimento da economia (Symón-Moya, Revuelto-Taboada, & Guerrero, 2014; Galindo & Méndez, 2014; Pinho & Thompson, 2016). No entanto, a complexidade do fenômeno não permite que ele seja associado somente ao desenvolvimento econômico. A diferença que pode ser percebida nas taxas de empreendedorismo ao redor do mundo (Global Entrepreneurship Monitor [GEM], 2017) demanda estudos que ultrapassem os elementos econômicos e o associem a aspectos sociais e históricos (Stenholm, Acs, & Wuebker, 2013).

Coerente com tais demandas, os estudos do empreendedorismo têm se apropriado dos conhecimentos produzidos em áreas como psicologia e sociologia, gerando novas perspectivas de análise. A consequência disso é que, em cada perspectiva, são formulados conceitos e teorias acerca de como o empreendedorismo ocorre e quem seria seu agente. Defende-se aqui ainda outra possibilidade de estudos que se relacionam com a força que a atividade empreendedora exerce sobre o sujeito que empreende, especialmente sobre a mulher em países que ainda não possuem igualdade de condições no mundo dos negócios.

A atividade empreendedora exercida por mulheres desperta o interesse da academia (Eddleston & Powell, 2012; Souza, 2020; Bandeira, Amorin, & Oliveira, 2020) e tem apresentado a noção de que as mulheres empreendedoras sofrem as pressões que lhes são colocadas pela sociedade ao impor, de certa maneira, expectativas em relação ao desempenho de seu papel e que resultam em ações diferenciadas frente aos negócios (Vale, Serafim, & Teodósio, 2011; Greene, Han, & Marlow 2013; Ferreira & Nogueira, 2013; Souza, 2020). Assim, o contexto social onde se empreende pode ser relevante para entender a ação das mulheres empreendedoras.

Um locus que pode ser útil no entendimento do empreendedorismo feminino é o da mulher que atua na área rural, pois este setor é historicamente controlado por homens (Campos, Stanislau, & Staduto, 2010; Schneider et al, 2020) e, especificamente a área rural tem também despertado o interesse no campo do empreendedorismo (Bernardo, Ramos & Vils, 2019; Schneider et al, 2020). Sendo assim, o objetivo deste artigo é entender como se dá a constituição da subjetividade da mulher que empreende no meio rural. Para atingir tal objetivo foi utilizada a teoria da subjetividade de González-Rey (2003, 2005, 2007, 2010). Tal teoria pressupõe que os diversos espaços em que o sujeito atua são integrados e resultam em uma configuração subjetiva única. Assim o sujeito não é considerado apenas um reproduzidor das imposições sociais, mas capaz de refletir sobre elas tornando-se sujeito da própria história ao elaborar tais imposições, abrindo possibilidade para o novo, para o devir.

Visando atingir essa finalidade, esse artigo está estruturado em seis seções adicionais a esta introdução. Na seção seguinte são apresentados estudos recentes no campo do empreendedorismo feminino. Em seguida, a terceira seção é dedicada à concepção sócio-histórica de constituição do sujeito e subjetividade. Os procedimentos da pesquisa são delineados na quarta seção. Em decorrência da metodologia adotada, a quinta seção é composta pela “Construção da Informação” que consiste na interpretação das pesquisadoras sobre a realidade investigada. Na sexta seção apresenta-se a análise dos núcleos de significação revelados. Por fim, na última seção conclui-se o artigo com a evidência da contribuição do estudo para o campo do empreendedorismo feminino, bem como suas limitações e sugestões de estudos futuros.

Empreendedorismo Feminino

Os estudos sobre empreendedorismo que tratam da atividade de mulheres ligam-se à tradição dos estudos sobre trabalho e gênero, e nos últimos anos têm se firmado também como norteadores de políticas públicas voltadas para mulheres. Machado e Gimenez (2000) afirmam que tais estudos têm adquirido novos contornos, pois a quantidade de mulheres que se tornam empreendedoras é hoje maior do que em décadas anteriores no Brasil. A

comparação entre os dois sexos é feita, geralmente, sem levar em conta o modelo de negócio. A mulher se associa habitualmente a empresas menores, que crescem mais devagar e são menos rentáveis (Fasci & Valdez, 1998; Hisrich & Brush, 1984). As possibilidades que sustentam as diferenças seriam: uma maquiagem psicológica que é menos empresarial ou diferente à de um homem (Fagenson, 1993); menos espírito empresarial ou menor motivação para o crescimento das suas empresas (Fischer et al., 1993); não ter experiência ou formação (Boden & Nucci, 2000); menor desejo de iniciar um negócio (Matthews & Moser, 1995); maior aversão ao risco; dificuldades nas aberturas de negócios e mesmo até precisar aulas de formação (Nelson, 1989). Os autores defensores deste estilo de discurso encontram grande parte das suas argumentações em diferenças estatisticamente significativas (mesmo às vezes muito pequenas) sem considerarem as similitudes e coincidências entre os dois sexos (Ahl, 2002).

As investigações que analisam, em termos gerais, as motivações para empreender em atividades empresariais e a sua relação com o gênero revelam que as mulheres podem ter interesses diferentes aos dos proprietários masculinos (Boden & Nucci, 2000; Marlow et al., 2009; Watson & Robinson, 2003). Algumas destas motivações podem ser as posições prévias no mercado de trabalho, a obtenção do equilíbrio de responsabilidades profissionais e pessoais, a satisfação no trabalho, a independência e a autonomia. Alguns autores (Marlow & Strange, 1994; Iakovidou et al., 2009) sugerem que este é um dos motivos pelos quais as mulheres podem apresentar preferências menores pela obtenção de resultados econômicos e podem dar início aos seus negócios só por questões de “estilo de vida”.

Estudos sobre as tendências do comportamento gerencial da mulher empreendedora são realizados em diversos países. Em pesquisa realizada no Brasil, Machado (1999) afirma que há um estilo próprio de gerenciar por parte das empreendedoras, pois há a combinação de características consideradas como “masculinas” tais como: iniciativa, coragem e determinação, com características ditas “femininas”: sensibilidade, intuição e cooperação. Esse estilo, aliado à intensa dedicação ao trabalho por parte das mulheres empreendedoras, contribuiria para as altas taxas de sobrevivência de empresas geridas por mulheres. A autora afirma ainda que, na gestão conduzida por mulheres empreendedoras, há uma tendência em deixar os objetivos claros e difundidos entre todos na organização para que haja satisfação dos interesses de todos os envolvidos. Quanto à estratégia, as mulheres empreendedoras foram classificadas como inovadoras e a busca da qualidade nos serviços prestados seria uma tendência no comportamento das mulheres empreendedoras. A autora ressalta ainda que há uma coerência entre a necessidade de realização e a oferta de serviços de qualidade que contribuam para essa realização e que também agradem a todos os envolvidos. Quanto ao estilo de liderança, observou que haveria uma forte orientação dessas mulheres para as pessoas e não para as tarefas. Portanto, segundo a autora, as mulheres empreendedoras demonstram uma grande habilidade em lidar com recursos humanos.

Em uma mesma linha de pesquisa, Greene et al. (2011) exploraram o quanto as características do estereótipo masculino podem influenciar as atitudes das mulheres no empreendedorismo. O trabalho desmente que o estereótipo masculino é obrigatório, pois mães empreendedoras poderiam influenciar como modelo positivo suas filhas a tornarem-se empreendedoras. Assim, também eventos significativos da vida (casamento, parentesco, educação e experiências gerenciais) influenciariam a possibilidade de serem empreendedoras.

Em trabalho sobre o processo de criação de empresas de mulheres, comparando-o com o dos homens, Vale et al. (2011) concluíram que existem diferenciações tanto na natureza da imersão como na maneira como as mulheres utilizam as redes na construção de seus empreendimentos. As mulheres recorrem, relativamente mais, a laços que lhe são mais próximos, para informações e suporte do que os homens.

No trabalho de Eddleston e Powell (2012) foram examinadas empresas familiares e o resultado foi que as teorias femininas retratam o empreendedorismo como um processo de gênero. Empreendedoras femininas tenderiam a nutrir a satisfação com um trabalho em família com sinergia. Enquanto empreendedores masculinos tenderiam a gostar do trabalho em família por obter o suporte da família em casa. Segundo Muir (1999), pode ser feita uma análise alternativa das motivações femininas ao empreendedorismo.

Lindo, Cardoso, Rodrigues e Wetzel (2007) investigaram os desafios com relação à vida pessoal e à vida profissional das mulheres e chegaram à conclusão de que as mulheres consideram a flexibilidade de horário como ponto fundamental para a harmonização das demandas do trabalho e da família. Infere-se assim, que o cuidado da casa e da família ainda são considerados como obrigações das mulheres. Neste mesmo sentido, Carvalho Neto, Tanure

e Andrade (2010) chegaram à conclusão de que os obstáculos que elas enfrentam para ter uma carreira são tanto de origem social como pessoal, tais como: jornadas de trabalho extensa; salários mais baixos e menores oportunidades são associados com a sobrecarga com os cuidados com os filhos; e dificuldades com o parceiro amoroso. Porém, os autores afirmam que, ainda que estejam insatisfeitas com o desequilíbrio entre seu tempo de trabalho e o de não trabalho, as mulheres executivas continuam apostando na carreira. Gouvêa, Silveira e Machado (2013) encontraram em sua pesquisa que o exercício de papéis múltiplos e a tentativa de propiciar satisfação aos envolvidos são os pontos mais importantes para as mulheres empreendedoras. Quanto à dificuldade de conciliação de múltiplos papéis, Alperstedt, Ferreira e Serafim (2014) destacaram que existe conflito pessoal, familiar e empresarial para as mulheres empreendedoras. Além disso, elas percebem falta de confiança dos clientes, fornecedores e funcionários nas empresas geridas por mulheres em relação àquelas gerenciadas por homens.

O que se pode ainda dizer sobre os resultados das pesquisas é que a condição da empreendedora ainda é perpassada pelos diversos papéis associados às construções históricas do papel da mulher na sociedade. Em outras palavras, as pesquisas mostram que as características ditas femininas acabam reproduzindo e reificando o papel histórico da mulher na sociedade.

Alguns autores se voltam para aspectos mais subjetivos tentando entender como a empreendedora se constitui como tal. Gimenez, Ferreira e Ramos (2017, p. 66) afirmam que a atenção dos pesquisadores “tem se voltado para o entendimento das relações sociais e do convívio em redes como aspectos centrais do exercício do empreendedorismo feminino”. Cramer, Capelle, Andrade e Brito (2012) buscaram desvendar, através das representações sociais, o significado de ser mulher no mundo dos negócios no Brasil. Um dos achados foi que a construção da nova identidade da mulher empreendedora é sustentação para alterações também nas representações sociais relativas à família. Para as autoras, o homem tem assumido de uma maneira diferente o seu papel de marido. Da mesma forma, a imagem da mãe como profissional tem transformado a concepção que os filhos possuem dela. As autoras afirmam que este é um processo dinâmico que ainda se encontra em construção, no qual os papéis de homem e mulher estão sendo redefinidos. Outro artigo que busca aspecto mais subjetivo é o de Ferreira e Nogueira (2013) que, ao pesquisarem a constituição da subjetividade da mulher empreendedora, afirmam que a configuração subjetiva do empreendedorismo para as mulheres está apoiada em sentidos associados às suas trajetórias, ao contexto atual e à cultura dentro da qual a atividade é desenvolvida. Além disso, os resultados mostraram que a família interfere na dinâmica dos negócios e vice-versa e a forma como as mulheres empreendem é delimitada pelas condições concretas em que vivem.

Os estudos acerca da atividade empreendedora desenvolvida por mulheres também tem sido foco de estudos fora do Brasil. Tais estudos não diferem em conteúdo e relatam também experiências de superação de representações sociais associadas ao feminino.

Quanto à diferenciação de gênero e à intencionalidade de se tornar empreendedor, tanto as pesquisas de Gupta, Turban, Wasti e Sikdar (2009) quanto de Davis e Shaver (2012) perceberam que a intenção empreendedora ocorria mais em pessoas (homens e mulheres) que relatavam ter características associadas ao gênero masculino. Assim também Greene et al. (2013) perceberam que as características do estereótipo masculino podem influenciar as atitudes das mulheres no empreendedorismo.

Eventos significantes da vida (casamento, parentesco, educação, e experiências gerenciais) influenciam a possibilidade de as mulheres tornarem-se empreendedoras. A esse respeito, Davis e Shaver (2012) descobriram que mulheres que são mães expressam intenções empreendedoras mais frequentemente do que as outras mulheres.

Eddleston e Powell (2012) pesquisaram empresas familiares com o intuito de verificar a satisfação em empreender com relação a homens e mulheres. A partir de seus achados, os autores afirmam que as empreendedoras tendem a nutrir maior satisfação quando percebem equilíbrio entre trabalho e família.

A partir das pesquisas relatadas, pode-se verificar que ainda há espaço para investigar questões que levem em conta a subjetividade das mulheres que exercem atividade empreendedora por meio de teorias que permitam abarcar a complexidade desta atividade. Desse modo, na próxima seção será exposta a teoria da subjetividade de González-Rey.

Concepção sócio-histórica de constituição do sujeito e subjetividade

A concepção sócio-histórica de constituição do sujeito permite entender o empreendedorismo como uma prática social e como um elemento que atua no nível individual alterando a subjetividade do ser humano. Isso pode ser especialmente relevante quando se olha para a atividade das mulheres empreendedoras. Segundo Alperstedt et al. (2014), a experiência destas mulheres não é das mais fáceis em função dos diversos papéis sociais a que são sujeitas e da falta de apoio que enfrentam.

A concepção sócio-histórica, neste artigo, é aquela fundada nos trabalhos de Vygotsky (1993, 1995) que, por sua vez, deram origem à teoria das configurações subjetivas de González-Rey (2003, 2005, 2007, 2010). Vygotsky (1995) defende a tese de que a origem das funções psicológicas está nas relações com o outro e com a cultura. Para ele, a constituição do funcionamento humano é socialmente mediada, num curso de desenvolvimento que abrange evoluções e, sobretudo, revoluções. Assim, o ser humano emerge como indivíduo conforme vai imergindo na cultura e a sua singularidade vai sendo constituída nas e pelas relações sociais.

Seguindo a linha de pensamento de Vygotsky, González-Rey (2007) cria a categoria de configuração subjetiva. Ela se dá por meio da articulação das diversas vias sociais e individuais. Assim, não há internalização e reprodução do social, mas uma produção do indivíduo a partir deste social. As imposições do meio são carregadas de sentido subjetivo que estão configuradas por processos emocionais e simbólicos produzidos nas mais diferentes esferas da sociedade. O sujeito é entendido como capaz de refletir sobre tais imposições, podendo tornar-se sujeito da própria história ao criar o novo. Resumindo, para González-Rey (2003, 2005, 2007, 2010), a subjetividade social perpassa a subjetividade individual e está representada no contexto no qual esta última se organiza.

Desta forma, não haveria uma atividade empreendedora de significado único na sociedade, pois os indivíduos produzem sua realidade e não apenas reproduzem. Tal produção, mesmo sendo resultado das práticas e relações, não é linear, mas resulta no novo, o que o autor chama configuração subjetiva. Para González-Rey (2007) dessa relação

participam tanto as consequências dessas ações, que podem ter referentes não visíveis a partir das práticas atuais, como as configurações subjetivas que fazem parte da ação do sujeito, ou seja, aquelas que são fonte da produção subjetiva associada a essa ação (p. 173).

Portanto, o sentido dado à atividade empreendedora seria o resultado de uma rede de eventos e de suas consequências colaterais, que se expressam em complexas produções psíquicas resultando em uma configuração subjetiva que é única para cada indivíduo.

Para Ferreira e Nogueira (2013), a configuração subjetiva da mulher empreendedora seria formada pelo sentido atribuído à atividade empreendedora. Sentido este formado tanto na esfera individual como na social, representando unidade e confrontação. Portanto, a configuração subjetiva seria complexa e originada por vias individuais e sociais. Isso porque os diversos espaços sociais e simbólicos, como a atividade empreendedora e a condição de gênero, participariam do processo de constituição da subjetividade. Na próxima seção descrevem-se os procedimentos de pesquisa utilizados para o estudo.

Procedimentos metodológicos

Para alcançar o objetivo deste estudo, a opção escolhida foi por uma pesquisa de caráter construtivo e interpretativista do conhecimento. Neste tipo de pesquisa, o papel do pesquisador não consiste simplesmente em

descrever a realidade, mas tentar ir além da aparência do fenômeno. A abordagem para este tipo de pesquisa é a qualitativa. De acordo com González-Rey (1999), numa pesquisa qualitativa, deve-se compreender o instrumento como um meio para induzir a construção da informação e atingir o desvelamento da realidade.

Com o intuito de compreender e problematizar criticamente o modo singular pelo qual a atividade empreendedora é experimentada pelas mulheres empreendedoras rurais, a categoria atividade empreendedora foi analisada para ressaltar subjetividade, sentido subjetivo e configuração subjetiva. A subjetividade é entendida de forma literal com a proposição de González-Rey (2003, p. 197) sendo:

[...] sistema complexo, produzido de forma simultânea no nível social e individual, independentemente de que em ambos os momentos de sua produção reconheçamos sua gênese histórico-social, isto é, não associada somente às experiências atuais de um sujeito ou instância social, mas à forma em que uma experiência atual adquire sentido e significação, que pode ser tanto social como individual.

Já o sentido subjetivo é a forma pela qual a multiplicidade de elementos presentes na subjetividade social se organiza numa dimensão emocional e simbólica, possibilitando à pessoa e a seus distintos espaços sociais novas práticas que, em seus desdobramentos e nos processos emergentes, vão se produzindo nesse caminho (González-Rey, 2007).

Os instrumentos de coleta de dados escolhidos foram a entrevista. Esta técnica foi utilizada por tratar-se de instrumento que possibilita as expressões do sujeito. Além disso, é possível desvendar os sentidos subjetivos e processos simbólicos que constituem a configuração subjetiva dos indivíduos pesquisados (Ferreira, Rese, & Nogueira, 2014).

Quanto ao procedimento de análise do material qualitativo, e visando apreender os sentidos que constituem o conteúdo da fala dos informantes, foram utilizados os núcleos de significação. Os núcleos de significação, segundo Aguiar e Ozzela (2006):

são a apreensão da constituição dos sentidos e da subjetividade no conteúdo do discurso dos sujeitos informantes. O investigador deve apreender o sujeito, saindo da aparência, do imediato e ir à busca do processo, do não dito, do sentido (p. 225).

Os núcleos de significação foram utilizados porque a significação da realidade não está ao alcance imediato do pesquisador. Em outras palavras a aparência de um fenômeno não pode ser confundida com a sua aparente realidade. Para alcançar os núcleos de significação, três etapas são requeridas: levantamento de pré-indicadores, sistematização de indicadores e sistematização dos núcleos de significação. Na primeira etapa identificam-se os trechos de falas que compõem o significado. Na segunda etapa, os pré-indicadores são articulados com base em similaridade, contraposição ou complementaridade. Já na terceira etapa, são sistematizados os núcleos de significação que revelam de forma mais densa a realidade estudada (Aguiar, Soares, & Machado, 2015). Há que se considerar nesse processo, segundo Aguiar et al (2015) que “as significações constituídas pelo sujeito não são produções estáticas, mas que elas se transformam na atividade da qual o sujeito participa” (p.63).

Os sujeitos da pesquisa foram duas empreendedoras no setor rural. Elas foram escolhidas por apresentarem as seguintes características: mulher, proprietária, principal tomadora de decisão, ao menos 10 anos de atividade empreendedora. Atuam na região Sul do Brasil que é um importante polo agrícola onde se pode encontrar a maior parte dos empreendimentos rurais familiares do país.

A escolha desta quantidade de empreendedoras justifica-se porque a teoria da subjetividade de González Rey (2005) valoriza o singular na pesquisa. Esta opção está intimamente ligada a uma opção epistemológica em que as investigações possuem validade científica, não pelo poder de generalização estatística, mas pela capacidade de gerar conhecimento a partir do singular. Em outras palavras, pela capacidade em ampliar as alternativas de inteligibilidade sobre o fenômeno estudado e não pela quantidade de respostas alcançadas (Ferreira & Nogueira, 2013). A partir dessas considerações de percurso metodológico, na seção seguinte está exposta a interpretação das pesquisadoras que resulta na construção do conhecimento singular.

Construção da Informação

A metodologia utilizada nesta pesquisa e sugerida por González-Rey (2005) recomenda que seja elaborado um capítulo chamado “Construção da Informação”. Aqui ocorre a interpretação do pesquisador, que não deve descrever a realidade e sim produzir conhecimento acerca de tal realidade, pois a pesquisa deve ser um processo construtivo interpretativo, uma construção também do pesquisador (González-Rey, 1999).

Na análise do relato das empreendedoras, é necessário considerar que toda a explanação é aberta, conflitiva e, portanto, sujeita a novas interpretações. Além disso, o relato das mulheres que fizeram parte da pesquisa está voltado às experiências que elas julgam significativas em relação ao empreendimento e sua atuação no mundo.

O contexto sócio-histórico de atuação das empreendedoras

As empreendedoras entrevistadas têm seus empreendimentos em áreas rurais e com atividades predominantemente rurais. Conhecer a história deste ambiente de atuação é relevante para compreender o contexto sócio-histórico no qual o sujeito está inserido e desenvolve suas atividades.

No Brasil, a atividade rural passou por determinações históricas que desembocaram em certo desabono de quem atua em tal atividade. Os produtores rurais parecem ser portadores de certo estigma. Para Peres (2001), a origem da urbanização brasileira aconteceu nos anos vinte do século XX. Era crescente, na época, a ideia da necessidade de industrialização do Brasil que tinha seu Produto Interno Bruto (PIB) baseado na agricultura, em torno de 60% e cuja população estava concentrada na área rural - cerca de 80%. No Governo Getúlio Vargas, foram criadas as primeiras políticas públicas para a extração de recursos humanos e financeiros da agricultura para a indústria. Basicamente tais políticas estavam para o autor, centradas em três práticas: i) subvalorização das taxas de câmbio; ii) taxação da exportação e; iii) tabelamento de preços dos produtos agrícolas. Apesar das críticas, o modelo parece ter alcançado os resultados esperados. Atualmente a população brasileira está concentrada em torno de grandes centros urbanos. No entanto, Peres (2001) alerta que o custo para isso foi o desenvolvimento de valores antirurais, fazendo com que a atividade fosse, por muito tempo, associada ao atraso. No contexto atual, a partir de uma nova imagem simbólica (Alem, 2005), o homem do campo passou a ser reconhecido e valorizado, recebendo reconhecimento por sua colaboração à economia do país (Veiga, 2002).

O setor rural é dependente direto dos fatores climáticos, o que traz um risco extra às atividades da área. Ainda, por estar distante dos grandes centros urbanos, os empreendimentos sofrem com os altos custos de logística. No Brasil, o custo com transporte chega a 11,5% do PIB brasileiro, ou seja, 8,7% da receita líquida das empresas (Lima, 2014).

Canziani (2001) destaca que as pequenas propriedades rurais utilizam mão de obra familiar. As pessoas, então, residem e trabalham em tempo integral no local. Além disso, na maioria das vezes, as áreas nas quais vivem estão na família por gerações. O fato de todos trabalharem no campo nem sempre traz ganhos financeiros, pois, apesar de manter a família na terra, não raro estas pessoas não possuem as competências necessárias para administrar as propriedades.

Este é parte do contexto em que atuam as mulheres que forneceram informação para esta investigação. A seguir são narradas as histórias das informantes da pesquisa para, em seguida, proceder-se à análise.

Empreendedora Myrina

O codinome Myrina foi escolhido para esta informante por ser o nome da amazona rainha das guerreiras africanas. Tem 44 anos de idade, dois filhos, é a mais velha de quatro irmãos e está em seu segundo casamento e vive no Paraná. Esta empreendedora, formada em Agronomia, possui uma das propriedades de referência de um certo tipo de produção da região onde atua. Iniciou a vida de negócios com sete anos trocando uma bicicleta por um animal, providenciou o cruzamento e trocava os filhotes por outras espécies de animais de fazenda.

Atualmente possui terras com lavouras (milho, feijão, trigo, soja, aveia) e uma leiteria que funciona há 16 anos. Suas atividades na propriedade estão divididas entre as lavouras, as pastagens, o gado de leite e os ovinos. Além disso, presta serviços de assessoria técnica e atua politicamente. Ela afirma que trabalha, em média, 10 horas por dia e, aos finais de semana, trabalha quando necessário, já que mora na propriedade e sempre tem o que fazer por lá.

Empreendedora Anita

O codinome "Anita" escolhido para esta informante veio ao encontro com a percepção de sua condição de luta e resistência na manutenção de todas as atividades desenvolvidas em seu empreendimento. Anita Garibaldi é conhecida como heroína de dois mundos (Brasil e Itália) por ter lutado e por ser uma mulher à frente de seu tempo.

Anita tem 32 anos de idade e está solteira. Mora na propriedade rural em Santa Catarina com a mãe. Recebeu a terra de herança do avô materno. Fez faculdade em Turismo e especialização em Turismo Rural e, naquela época, já imaginava negócios aliando o campo e o aprendizado da faculdade. Após concluir a especialização, começou a vender os produtos originados na fazenda na feira de produtos orgânicos: massas, frutas, verduras, compotas, conservas e geleias. Paralelamente, construiu um salão para eventos e uma pequena pousada onde serve também café colonial e atende eventos. Ela afirma trabalhar de 12 a 14 horas por dia e esta jornada estende-se aos finais de semana. Além disso, participa da diretoria de várias entidades, é líder da comunidade e acredita que as pessoas a colocam lá por ela ter um pouco mais de conhecimento, ter boa vontade, correr atrás das coisas e achar tempo para tudo. Anita é quem traz os cursos do SENAR (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural) e de outras entidades para serem ministrados na comunidade. Também, sempre que possível, leva as pessoas da comunidade a palestras e visitas técnicas.

Análise

A partir da análise das entrevistas foram identificados três núcleos de significação: Empreendimento e Família; Tempo; e Autopercepção. Apesar desta divisão, não se pode considerar que estes elementos apareçam de forma isolada, isso porque a subjetividade não está "associada somente às experiências atuais de um sujeito ou instância social, mas à forma em que uma experiência atual adquire sentido e significação" (González-Rey, 2003, p. 197).

Assim, cada núcleo de significação aparecerá permeado pelo contexto sócio-histórico destas mulheres, ao mesmo tempo em que lhes é dado sentido subjetivo. Há que se considerar que, ao falarem sobre a atividade, as mulheres também refletem sobre a própria ação. Isso porque um dos pressupostos da teoria da subjetividade de González-Rey (2005) é que o próprio ato de responder à pesquisa pode auxiliar as empreendedoras a adquirir consciência da própria história, abrindo espaço para ressignificar a atividade e dar possibilidade ao novo.

Empreendimento e Família

Embora as atividades rurais estejam sujeitas às regras de mercado, como qualquer outra atividade econômica, é suposto também que a empresa rural desempenhe um papel adicional de realização pessoal para quem a dirige (Cella & Peres, 2002). Para Anita, a atividade rural é decorrente da atuação da família no campo. A situação da mulher melhorou, na percepção dela, porque afirma que pôde receber as terras em herança. Ela relata a experiência da mãe que não podia herdar a propriedade por ser mulher. Nas palavras dela:

Quando meus pais se casaram, o meu avô cedeu 10 alqueires para meu pai. A filha era minha mãe, mas quem recebia a herança era o marido.

Myrina, diferentemente das mulheres de outrora, recebeu sua propriedade diretamente do pai:

Daí depois, meu pai faleceu em 2003, mas apesar de ele ter falecido, não mudou muito, porque ele já tinha me dado a propriedade para eu cuidar, porque quando eu casei a primeira vez, essa área tinha 20 hectares, um pouquinho de carneiro e um gadinho, umas cabeças de gado e ele deu, “Olha, agora você pode cuidar, se vira”, então a gente formou a fazenda nesses últimos 20 anos.

Há que se destacar que a narrativa destas mulheres enfatiza que, mesmo estando em um país ocidental dito moderno, elas receberam a propriedade porque os homens não se interessavam pela atividade (Anita) ou já estavam financeiramente independentes (Myrina). Ademais, a herança nestes casos parece ter funcionado como prêmio pelo cuidado dado aos pais na velhice. Então, apesar de as mulheres terem conquistado mais espaço e a visão patriarcal ter sofrido algumas alterações, no campo, as mulheres ainda não são consideradas iguais, especialmente na divisão dos bens. Tal aspecto da cultura é tratado por Paulilo (2003) ao afirmar que nas antigas regiões de colonização italiana e alemã - típico da região Sul do Brasil - há um padrão a respeito da sucessão nas propriedades rurais. Esse padrão comportaria variações e exceções, mas são principalmente os filhos homens que herdam a terra enquanto as mulheres se tornam agricultoras por casamento.

Ao falarem dos negócios, elas não descartam a família como sendo a origem da atividade por elas desempenhada. Nesse sentido, a família representa tanto possibilidade de desenvolver atividade que vem das origens familiares, quanto de luta pelo direito de serem consideradas iguais aos outros membros da família. O núcleo de significação que envolve o sentido dado à família aparece como contraditório uma vez que elas têm que lutar contra a invisibilidade social, tendo que sempre relatar muitas horas de trabalho como que a justificar o privilégio de herdar as terras da família.

Tempo

González-Rey (2005) afirma que os resultados decorrentes de uma pesquisa não podem ser circunscritos à descrição dos dados coletados, mas construídos a partir dos significados que aparecem na informação empírica. Portanto, um dos achados nesta pesquisa apareceu através da queixa recorrente das empreendedoras com relação à falta de tempo.

A atividades destas mulheres não se restringe às econômicas, produtivas e gerenciais do empreendimento, mas também aos afazeres domésticos e ao cuidado com os pais, filhos e marido. A busca de equilíbrio entre os negócios e família é um gerador de angústia. Isso porque aparece como obrigação. A falta de tempo é relatada como se fosse um problema de gestão dela. Daí que a “punição” pela falta de gestão também é a retirada de elementos que poderiam trazer maior satisfação. O extrato da fala de Myrina que reclama da falta de tempo para si, pode ser característico deste núcleo de significação. Para ela:

A mulher, tem muitas obrigações na vida dela, administrar a casa, filhos... E daí a propriedade é mais uma que toma muito tempo e energia. Não é fácil, mas é *só saber administrar* (grifo nosso) o tempo, dividir o tempo com família, que é importante né. [...]

[...] ou não consegui administrar ele ainda. [...] mas eu queria ter um pouquinho mais de tempo livre para mim, para ir em salão de beleza.

O relato de Myrina pode ser entendido como um conflito no desempenho de atividades que ela acredita, por meio das vias da subjetividade social, sejam atribuições da mulher. Na área rural especialmente, há atividades que reduzem ainda mais o tempo disponível para lazer. Uma delas é a bovinocultura de leite, pois é uma atividade que requer mão de obra diária e em horários fixos, geralmente demonstrando maior exigência por parte das entrevistadas no período da manhã (madrugada) bem como aos domingos e feriados.

Quanto ao tempo dedicado às atividades relacionadas aos negócios, Myrina afirma que:

Depende da época, por exemplo, estou com um funcionário com licença de saúde, então eu vou ter que cobrir a folga dele, daí eu vou levantar as 4 e meia da manhã e vou até 6 horas da tarde, mas isso durante o ano não são tantos dias. Mas a minha média de dia eu começo das 8 até a 6 da tarde, vamos dizer. Todo dia.

As mulheres e suas famílias dedicam-se integralmente aos negócios e, apesar do empreendimento trazer os recursos financeiros, este lhes renega tempo para férias e momentos de lazer. Dessa forma, obtêm-se os recursos financeiros, porém não se pode usufruir destes. Trata-se de uma inversão daquilo que, em tese, se pretende quando se empreende. Neste sentido, a atividade empreendedora torna-se central e acima de outros componentes da vida. Anita relata que “precisa trabalhar” diariamente e, por vezes, nos fins de semana. Assim, nem sempre tem seu descanso semanal:

Por dia trabalho em média doze a quatorze horas. Nos sábados e domingos não muda muito porque no sábado eu começo as 4 e meia da madrugada pra ir pra feira. Aí eu volto pelas três ou quatro horas da tarde. Na realidade no sábado seria até mais. No domingo, a gente pega pra descanso, depois de tirar o leite cedo e à tarde. A não ser quando tem algum grupo, coisa de turismo que você vai atender. Aí não, aí tem que trabalhar também. [...] o descanso do domingo, quando possível.

A contradição apresentada pelo núcleo de significação do tempo está presente na fala das mulheres, pois elas esperam poder "aproveitar a vida" depois de tanto trabalho. No entanto, querem fazer isso sem parar totalmente com a atividade empreendedora. Essa afirmação pode ser demonstrada nos relatos que mostram a queixa em relação à falta de tempo e, no entanto, dizem não pensar em aposentadoria. Querem "reduzir a carga de trabalho", mas não querem parar. Myrina afirma que:

Eu estou me preparando para chegar em uma fase em que eu possa ter mais tempo para mim e meu esposo, para família e é isso, ter mais tempo.

E Anita assim se manifesta:

"Meu maior desejo: Daqui alguns anos ver o meu empreendimento rural dando retorno bom. E eu desejo viajar mais."

Estes aspectos da relação destas empreendedoras com o tempo de trabalho e tempo dedicado a outras atividades, inclusive ao lazer, estão presentes também na análise de Barbosa et al. (2011). Para estes autores, as empreendedoras apresentam maior dificuldade para dividir o tempo entre as atividades da empresa e o papel de mãe, por exemplo.

A quantidade de horas que relatam em sua atividade de negócios é agravada pela flexibilidade que as novas tecnologias geraram, uma vez que tais tecnologias permitem alcançar o indivíduo em qualquer lugar e tempo e pela proximidade da residência com o local de onde são desempenhadas as atividades negociais. Isso, na área rural, é

ainda mais visível, pois a residência do empreendedor é o local onde se realiza a atividade empresarial. Essa situação obscurece a fronteira entre trabalho e família/lazer.

Pode-se afirmar que as atividades desempenhadas pelas empreendedoras se referem a duas práticas com lógicas diferentes: atividade produtiva, regida pelos interesses do capital, e reprodutiva, para suprir as necessidades de manutenção cotidiana da vida humana e isso causa conflitos e contradições. Nesse sentido, pode-se considerar que o tempo também é imposto pelas diversas vias da subjetividade social às empreendedoras como um recurso que deve ser aproveitado, pois é limitado e deve estar associado às atividades que levem à obtenção de capital. Nesse sentido, o empreendedorismo tira o tempo ao invés de lhes dar liberdade de ação e controle sobre o tempo.

Outra questão relacionada ao tempo está centrada no equilíbrio (falta dele) entre vida profissional e vida pessoal que reflete uma incompatibilidade entre as demandas do papel de empreendedora e as demandas dos papéis associados à família (mãe, filha, dona de casa). O tipo mais frequente de conflito ocorre quando as demandas por tempo de um papel tornam difícil ou impossível participar integralmente do outro (Parasuraman, Greenhaus, & Granrose, 1992).

Autopercepção

González-Rey (2010) afirma que um posicionamento ativo frente à vida pode permitir criar sistemas de apoio para situações difíceis e pode fazer com que os sujeitos desenvolvam uma identidade a partir dessa situação. As mulheres desta pesquisa, ao serem perguntadas sobre o que seria um indivíduo empreendedor listaram características delas mesmas e, portanto, singulares. Isso porque o empreendedor é um ser humano antes de tudo e, sendo assim, um ser reflexivo cuja configuração subjetiva é formada tanto pela via social quanto individual (González-Rey, 2005) e está em constante construção.

Myrina afirma que:

"Ser empreendedora, significa: ser inteligente; Ser gestora ou administradora significa: saber, tem que ser esperta."

Ainda fala sobre a forma de gestão que emprega em sua propriedade:

À parte administração de contas, isso tem que tirar um tempo pra isso. Porque a gente vê propriedades americanas que eu tive oportunidade de conhecer, eles dedicam parte do tempo do dia ou da semana só pra números da propriedade, a parte de escrita, eu posso dizer assim. [...] É. Eu faço, mas eu acho que eu teria que melhorar um pouco mais nessa parte.

Anita se autorreferencia quando diz que:

"Ser empreendedora significa: ser dona do que é seu; Ser gestora, administradora significa: fazer as coisas corretamente. [...] Agora, na realidade o empreendedor rural tem uma visão muito ampla. Você tem que saber de tudo que se passa na tua propriedade. E são muitas coisas."

Esse resultado assemelha-se ao encontrado por Ferreira (2012) e indica que o conceito de empreendedorismo é formado por uma representação social de algo positivo, não levando em conta as contradições que estão presentes na base do empreendedorismo e sua lógica capitalista. Para elas não há diferença aparente entre ser empreendedora e administradora. Myrina considera que:

Eu acho que me considero uma administradora. Porque você tem que administrar o que você tem aí que não é pouco. Uma empresa rural no caso é... você tem que fazer de tudo e mais um pouco. [...] Na realidade acho que não tem muita diferença entre

administrar e empreender também. Na realidade acho que sou aí tanto empreendedora como administradora. [...] Eu acho que são a mesma coisa.

Mas além de administrar, Anita inova em seu empreendimento. Ela comenta que:

A gente sempre procura fazer diferente. Ou igual que tá dando certo. Mas, além disso, você vê de repente que tem uma coisa que possa te dar lucro também. Se tá dentro da tua possibilidade você inova. Você pode fazer também. Tanto que agora também eu estou fazendo criação de peixes com os alevinos e fazendo pro abate. É uma coisa que começou agora há pouco tempo, que eu vi que assim poderia ser uma coisa que pudesse ter um retorno.

Levando em conta a teoria das configurações subjetivas de González-Rey (2005) pode-se dizer que há tantos tipos de empreendedores quanto há empreendedores. Isso porque o empreendedor é um ser humano e, como tal complexo e contraditório, carregando em si uma parte da sociedade que ele (re)produz e da qual é também produto. A autorreferenciação quando se fala das características mostra também que as vias da subjetividade social sob as quais as mulheres atuam escondem o aspecto contraditório e negativo da atividade empreendedora. Em uma lógica individualista que constitui o capitalismo moderno, o sujeito deve ser sempre herói.

Considerações finais

O sentido subjetivo e as configurações subjetivas são importantes porque permitem entender a sociedade numa nova dimensão, ou seja, em seu sistema de consequências sobre o homem e sobre a organização em seus diferentes espaços de vida social (González-Rey, 2007).

As mulheres entrevistadas desenvolvem seus empreendimentos com o auxílio e por suas famílias. Por meio da análise dos núcleos de significação destas mulheres procurou-se identificar o que era realidade para elas. Para isso, as palavras que fornecem os significados concebidos na interação do sujeito com a sociedade foram interpretadas. Para Ferreira (2012), isto é possível graças aos momentos em que as emoções, a atividade e representações sociais afloravam reconstruídos pela memória. Assim, viver em um mesmo tempo, setor e cultura não significa que a subjetividade social seja vivenciada por estas mulheres da mesma forma. A configuração subjetiva permite incorporar as emoções do sujeito e perceber o seu processo de constituição como sujeito da própria história.

As considerações a respeito do empreendedorismo feminino rural podem ser resumidas nos seguintes achados: i) a família e empreendimento, para estas mulheres, são ligados; ii) o tempo apareceu como algo relevante, sendo relatado como escasso e de forma contraditória em relação ao empreendimento; iii) as empreendedoras se autorreferenciam quando perguntadas sobre o que é ser empreendedora. Tais achados não representam a totalidade da configuração subjetiva delas, mas aparecem de forma proeminente, levando a considerá-los no escopo desta pesquisa.

Para elas, não se pode falar em empreendimento rural sem falar da família. O negócio se insere na família e a família está presente na ação empreendedora destas mulheres. Através dos relatos pode-se afirmar que as famílias participam efetivamente da produção e gerenciamento dos empreendimentos e, da produção de sentido subjetivo para elas.

No caso das empreendedoras entrevistadas, suas famílias vivem e trabalham no empreendimento rural, portanto, é difícil dizer onde começa e termina o convívio familiar do convívio nos negócios. Este fato não pode ser negado como constituinte da subjetividade delas, portanto, pode-se concluir que o empreendedorismo se insere na vida das pessoas, fazendo parte delas e não pode ser pensado como um fenômeno com existência própria. Nos casos estudados, a história da família e de cada sujeito é perpassada pela atividade empreendedora, resultando em uma configuração subjetiva única, ele é perpassado pela vida e, por conseguinte, pelas transformações que nela ocorrem.

Outra questão importante da pesquisa foi o tempo. Apesar do orgulho que demonstram ter por seus empreendimentos, reclamam da falta de tempo que têm para si. Isso porque o tempo do trabalho doméstico do cuidado com a reprodução da vida das pessoas não é levado em conta na organização do tempo social, na relação entre produção e reprodução. Então há uma apropriação do tempo destas mulheres quando se refere ao trabalho doméstico, pois elas, além do trabalho de empreendedoras no negócio se veem como responsáveis pela manutenção do lar.

Essas mulheres empreendedoras, bem como suas famílias dedicam seu tempo ao empreendimento e, apesar da geração de recursos financeiros, este lhes nega tempo para lazer. Isto demonstra um ciclo onde, quanto mais se trabalha, em geral, obtém-se mais dinheiro, porém sobra menos tempo para usufruir do dinheiro obtido.

Quando elas descrevem a categoria empreendedor, descrevem a si mesmas de forma que a auto referenciação pode ser vista como uma subjetivação daquilo que elas entendem ser características empreendedoras. Estas mulheres empreendedoras falam de suas habilidades e conhecimentos na área de atuação, sempre se autorreferenciando com características positivas. Isso gera contradições uma vez que ser empreendedor não está descolado de ser humano e, portanto, complexo e com lados tanto positivos como negativos. Além disso, a própria atividade empreendedora não está isenta das contradições que estão na base do capitalismo. Isso é visto quando se olha para a quantidade de horas dedicadas aos negócios e o pouco tempo que elas relatam para descanso e lazer. Esses achados podem ajudar a desmistificar a figura do herói, resgatando sua dimensão humana.

As trajetórias de vida das mulheres investigadas foram ímpares, mas acontecem sob um mesmo tempo e cenário. As atividades desenvolvidas são influenciadas por essas mulheres que empreendem na área rural do Brasil e em uma sociedade que dá certa abertura de opções para mulheres. Assim, pode-se observar que a atividade empreendedora é subjetivada pelas mulheres produzindo e sendo produto de um sentido subjetivo construído na relação complexa entre as diversas formas de constituição subjetiva (social e individual) e os cenários atuais dentro do qual essas mulheres atuam.

O relato das empreendedoras ocorreu à luz de suas representações atuais. Isto quer dizer que os eventos do passado passaram por filtros atuais com justificações do sistema de representações que elas possuem nos dias de hoje. Dessa forma, a experiência com o empreendedorismo, embora vivido por todas as mulheres que empreendem, têm um valor emocional totalmente peculiar a cada uma delas segundo sua história de vida, crenças e valores.

Em suma, é como se estas mulheres, ao falarem de sua ação empreendedora, nos revelassem um caleidoscópio de fragmentos simbólicos que integram sua história multifacetada e nos quais se pode vislumbrar a mulher e sua ação empreendedora. Além disso, na subjetividade de cada uma delas, há, o racional, mas, também, a emoção, a sensibilidade e o trato com os outros ao longo do tempo em que flui sua vida. A cada olhar nestes caleidoscópios subjetivos que as empreendedoras nos permitem acessar, surge mais uma compreensão do agir feminino enquanto mulher e empreendedora. Dessa forma, a subjetividade de cada uma delas, revela um compartilhamento emotivo do sentido que essa escolha de carreira profissional tem para elas.

Por fim, muito mais do que competência nos negócios, pode-se afirmar que, com sua trajetória singular elas vivem o empreendedorismo no seu dia a dia, e guardam sua configuração subjetiva de forma única e específica. As empreendedoras deram origem a sentidos subjetivos por meio das experiências vividas e da relação com o outro. Tudo isso resulta em uma forma específica de empreender que não cessa em renovar, estando sempre em mutação. Ou seja, o empreendedorismo não pode ser separado do sujeito que age e, pela complexidade do ser humano, vai se construindo cotidianamente. Além disso, a própria atividade empreendedora não está isenta das contradições, pois o empreendimento como fonte de sucesso e de liberdade apresenta aspectos conflituosos, uma vez que, à primeira vista, ele permite que as pessoas se sintam bem, orgulhosas de seus feitos. Mas, ao mesmo tempo, as empreendedoras tiveram sua liberdade temporal diminuída, sujeitas às demandas cotidianas de seus empreendimentos e de seus outros múltiplos papéis.

A principal contribuição que surgiu deste estudo se prende à melhor compreensão do empreendedorismo feminino no contexto rural a partir das subjetividades das duas entrevistadas. Como afirmado na apresentação dos procedimentos metodológicos do estudo, a abordagem adotada não se presta a generalizações no sentido usual que este termo apresenta nos estudos objetivistas. Portanto, ao se afirmar que não há uma configuração subjetiva

única, mesmo porque ela é formada tanto pela via individual quanto pela coletiva, o que se espera ter atingido é uma possibilidade de emancipação das empreendedoras que participaram ao possibilitar a consciência de suas ações. Ao mesmo, a contribuição para o campo de estudo de empreendedorismo se centra no reforço da ideia de que sua compreensão demanda de pesquisadoras e pesquisadores um olhar interpretativista que transcende a mera representação quantitativa de dimensões da ação empreendedora. Em resumo, pode-se afirmar que não há uma fórmula para identificar ou construir empreendedoras, mas que a atividade vai afetando e sendo afetada pelos sujeitos que empreendem e que estão imersos em mundo que é tanto pessoal quanto é social.

Como uma limitação encontrada neste trabalho, o retorno às mulheres pesquisadas poderia ter permitido uma melhor verificação das reações e relações com os achados da pesquisa. Sugere-se que, em trabalhos futuros, haja a recorrência das entrevistas às pesquisadas para que ocorra a confirmação dos achados obtidos. Outra limitação encontrada é que, em uma pesquisa de perspectiva qualitativa, o instrumento deve ser visto como um meio para induzir a construção do sujeito e, portanto, não constitui uma via direta para a produção de resultados finais, mas um meio para a produção de indicadores, pois não se pode fazer uma descrição única e permanente do sujeito, já que ocorrem reconstruções devido à mudança em suas ações de acordo com os cenários em que atua (González-Rey, 1999).

Finalmente, parece haver ainda espaço para pesquisa acerca de gênero no empreendedorismo. Assim, trabalhos futuros podem ser feitos para tratar da subjetividade de mulheres em cenários diversos, podendo-se, assim, melhorar o uso da teoria e alcançar maior compreensão sobre os temas.

Referências

- Aguiar, W. M. J., & Ozella, S. (2006). Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. *Psicologia Ciência e Profissão*, 26(2), 222-245.
- Aguiar, W. M. J., Soares, J. R., & Machado, V. C. (2015). Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. *Cadernos de Pesquisa*, 45(155), 56-75.
- Alem, J. M. (2005) Rodeios: a fabricação de uma identidade caipira-sertanejo-country no Brasil. *Revista USP*, 64, p. 94-121.
- Alperstedt, G. D., Ferreira, J. B., & Serafim, M. C. (2014). Empreendedorismo feminino: dificuldades relatadas em histórias de vida. *Revista de Ciências da Administração*, 16(40), 221-234.
- Bandeira, P. B., Amorim, M. V., & Oliveira, M. Z. (2020). Empreendedorismo feminino: estudo comparativo entre homens e mulheres sobre motivações para empreender. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 20(3), 1105-1113. <https://dx.doi.org/10.17652/rpot/2020.3.19694>
- Barbosa, F. C., Carvalho, C. F., Matos Simões, G. M., & Teixeira, R. M. (2011) Empreendedorismo feminino e estilo de gestão feminina: estudo de casos múltiplos com empreendedoras na cidade de Aracaju–Sergipe. *Revista da Micro e Pequena Empresa*, 5(2), 124-141.
- Bernardo, E. G., Ramos, H. R., & Vils, L. (2019). Panorama da produção científica em empreendedorismo rural: um estudo bibliométrico. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 8(1), 102-125
- Campos, F. R., Estanislau, P., & Staduto, J. A. R. (2010, julho). Agricultura familiar e participação da mulher na região sul do Brasil. *Anais do Congresso Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural*, Toledo, PR, Brasil, 48.
- Canziani, J. R. F. (2001). Assessoria administrativa a produtores rurais no Brasil. Tese de Doutorado, Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo, Piracicaba, SP, Brasil.
- Carvalho Neto, A. M., Tanure, B., & Andrade, J. Executivas: carreira, maternidade, amores e preconceitos. *RAE-eletrônica*, 9(1), 2010.

- Cella, D., & Peres, F. C. (2002). Caracterização dos fatores relacionados ao sucesso do empreendedor rural. *Revista de Administração*, 37(4), p.49-57.
- Cramer, L., Cappelle, M. C. A., Andrade, A. L. S.; & Brito, Mozar J. (2012). Representações femininas da ação empreendedora: uma análise das trajetórias das mulheres no mundo dos negócios. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 1(1), 53-71.
- Davis, A. E., & Shaver, K. G. (2012). Understanding gendered variations in business growth intentions across the life course. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 36(3), 495-512.
- Delphy, C. (2002). *L'ennemi principal: économie politique du patriarcat*. Collection Nouvelles Questions Feministes, 2. ed. Paris: Syllepse.
- Eddleston, K.A., & Powell, G.N. (2012). Nurturing entrepreneurs' work–family balance: a gendered perspective. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 36(3), 513-541.
- Ferreira, J.M. A ação da mulher empreendedora sob a perspectiva sócio histórica de González-Rey, Tese de doutorado, Universidade Positivo, Curitiba, PR, Brasil, 2012.
- Ferreira, J. M., & Nogueira, E. E. S. (2013). Mulheres e suas histórias: razão, sensibilidade e subjetividade no empreendedorismo feminino. *Revista de Administração Contemporânea*, 17(4), 398-417.
- Ferreira, J. M., Rese, N., & Nogueira, E. E. (2014). Empreendedoras escrevem a própria história: estudo realizado a partir do teste de complemento de frases. *Revista Gestão Organizacional*, 6(Edição Especial), 97-112.
- Galindo, M. A., & Méndez, M. T. (2014). Entrepreneurship, economic growth, and innovation: are feedback effects at work? *Journal of Business Research*, 67, 825–829.
- Gimenez, F. A. P., Ferreira, J. M., & Ramos, S. C. (2017). Empreendedorismo feminino no Brasil: Genese e formação de um campo de pesquisa. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 6(1), 40-74.
- Global Entrepreneurship Monitor (2017). *Empreendedorismo no Brasil 2015*. Relatório Executivo.
- González-Rey, F. L. (1999) *La investigación cualitativa em psicología: rumbos y desafios*. São Paulo, Educ.
- González-Rey, F. L. (2003) *Sujeito e subjetividade*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- González-Rey, F. L. (2005) *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- González-Rey, F. L. (2007). As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. *Revista Psicologia da Educação*, 24, 155-179.
- González-Rey, F. L. (2010). As configurações subjetivas do câncer: um estudo de casos em uma perspectiva construtivo-interpretativa. *Psicologia: ciência e profissão*, 30(2), 328-345.
- Gouvêa, A. B. C. T., Silveira, A., & Machado, H. P. V. (2013). Mulheres empreendedoras: compreensões do empreendedorismo e do exercício do papel desempenhado por homens e mulheres em organizações. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 2(2), 32-54.
- Greene, F.J., Han, L., Marlow, S. (2013). Like mother, like daughter? analyzing maternal influences upon women's entrepreneurial propensity. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 37(4), 687-711.
- Gupta, V. K., Turban, D. B., Wasti, S. A., & Sikdar, A. (2009). The role of gender stereotypes in perceptions of entrepreneurs and intentions to become an entrepreneur. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 33(2), 397-417.
- Kets de Vries, M. F. R. (1985). The dark side of entrepreneurship. *Harvard Business Review*, 63 (6), 160-168.
- Lima, M. (2014). Custos Logísticos no Brasil. Recuperado em 14/04/2016 de <http://www.ilos.com.br/web/custos-logisticos-no-brasil/>
- Lindo, M. R., Cardoso, P. M., Rodrigues, M. E., & Wetzel, U. (2007). Vida pessoal e vida profissional: os desafios de equilíbrio para mulheres empreendedoras do Rio de Janeiro. *RAC-Eletrônica*, 1(1), 1-15.
- Machado, H. P. V., & Gimenez, F. A. P. (2000). Empreendedorismo e diversidade: uma abordagem demográfica de casos brasileiros. *Anais do Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, Londrina, PR, Brasil, 1.

- Parasuraman, S., Greenhaus, J. H., Granrose, C. S. (1992). Role stressors, social support, and well-being among two-career couples. *Journal of Organizational Behavior*, 13, 39-356.
- Paulilo, M. I. (2003). Movimento de mulheres agricultoras: terra e matrimônio. In: Paulilo, M. I., & Schmidt, W. (Orgs.). *Agricultura e espaço rural em Santa Catarina* (pp. 15-38). Florianópolis: Ed. da UFSC.
- Peres, F. (2001). O capital social como motor do desenvolvimento sustentável. *Revista Marco Social*, 3, pp. 24-31.
- PINHO, J. C., & THOMPSON, D. (2016). Condições estruturais empreendedoras na criação de novos negócios: a visão de especialistas. *Revista de Administração de Empresas*, 56(2), 166-181. <https://doi.org/10.1590/S0034-759020160204>
- Ranoff, L. C. (sem ano). *Campo e Mulher* [gravada por Luiz Carlos Ranoff]. Santa Maria.
- Schneider, C. O., Godoy, C. M. T., Wedig, J.C., & Vargas, T. O. (2020). Mulheres rurais e o protagonismo no desenvolvimento rural: um estudo no município de Vitorino, Paraná. *Interações (Campo Grande)*, 21(2), 245-258. Epub July 06, 2020. <https://doi.org/10.20435/inter.v21i2.2560>
- Simón-Moya, V., Revuelto-Taboada, L., & Guerrero, R. F. (2014). Institutional and economic drivers of entrepreneurship: An international perspective. *Journal of Business Research*, 67, 715–721.
- Souza, C. G. (2020). A mulher de negócios no discurso do trabalho feminino. *Revista Katálysis*, 23(3), 700-706. Epub October 16, 2020. <https://doi.org/10.1590/1982-02592020v23n3p700>
- Stenholm, P., Acs, Z., & Wuebker, R. (2013). Exploring country-level institutional arrangements on the rate and type of entrepreneurial activity. *Journal of Business Venturing*, 28, 176–193.
- Vale, G. M. V., Serafim, A. C. F., & Teodósio, A. S. S. (2011). Gênero, imersão e empreendedorismo: sexo frágil, laços fortes? *Revista de Administração Contemporânea*, 15(4), 631-649.
- Veiga, J. E. (2002). A face territorial do desenvolvimento. *Revista Internacional de Desenvolvimento Local*, 3(5), 5-19.
- Vygotsky, L. S. (1993). *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotsky, L. S. (1995). *Historia Del desarrollo de las funciones psíquicas superiores*. Obras Escogidas, Tomo III (Cap. 5, pp.94-117).

ⁱ Esta pesquisa foi financiada com recursos do CNPq. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.